



NORDESTE GOIANO
Marconi quer Alto Paraíso a primeira cidade sustentável do Brasil

CRISE
'Dilma destruiu os legados de FHC e Lula', diz senador Wilder



CERRADO



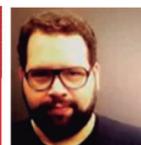
Goiânia, QUARTA-FEIRA, 11 de maio de 2016

- www.wildermorais.com.br
- facebook.com/wildermorais
- instagram.com/wildermorais
- twitter.com/wildermorais

WILLIAM SHAKESPEARE

Os 400 anos da morte do escritor do espetáculo da consciência humana





OS 400 ANOS DA MORTE DE SHAKESPEARE: UMA HOMENAGEM AO MAIOR ESCRITOR DE TODOS OS TEMPOS

O que resta a dizer sobre Shakespeare? É o maior escritor de todos os tempos, de todas as línguas e de todas as literaturas. Mas esta verdade que se espalha e se reafirma pelo mundo já foi por demais dita e repetida em todos os lugares do globo. Não há um só continente que não tenha sido contaminado pelo gênio de Stratford. Não há uma língua, um poeta que, depois dele, de alguma forma ao seu texto não tenha se referido ou em sua figura não tenha se esbarado.

De certa forma Shakespeare esgotou, em suas peças e sonetos e poemas, as temáticas humanas, e por via deles podemos discutir o que havia na sociedade, política, cultura e economia de antes das obras, durante e depois delas.

Sim, há uma atemporalidade em Shakespeare, como há em todo e qualquer clássico, aliás, ser atemporal é a premissa de todo clássico. Mas esgotar os temas pertinentes aos seres humanos foi uma tarefa à qual se dispuseram raras obras e autores, algumas delas talvez possam, de longe, serem rivais de Shakespeare. Em beleza, apenas Dante o intimida, isoladamente o vence — não há uma só peça ou poema de Shakespeare capaz de se sobrepor à Divina Comédia em beleza —, mas pelo conjunto o inglês vence o italiano, e com larga, forte e constrangedora folga, como faz com todos os outros, até mesmo com Homero.

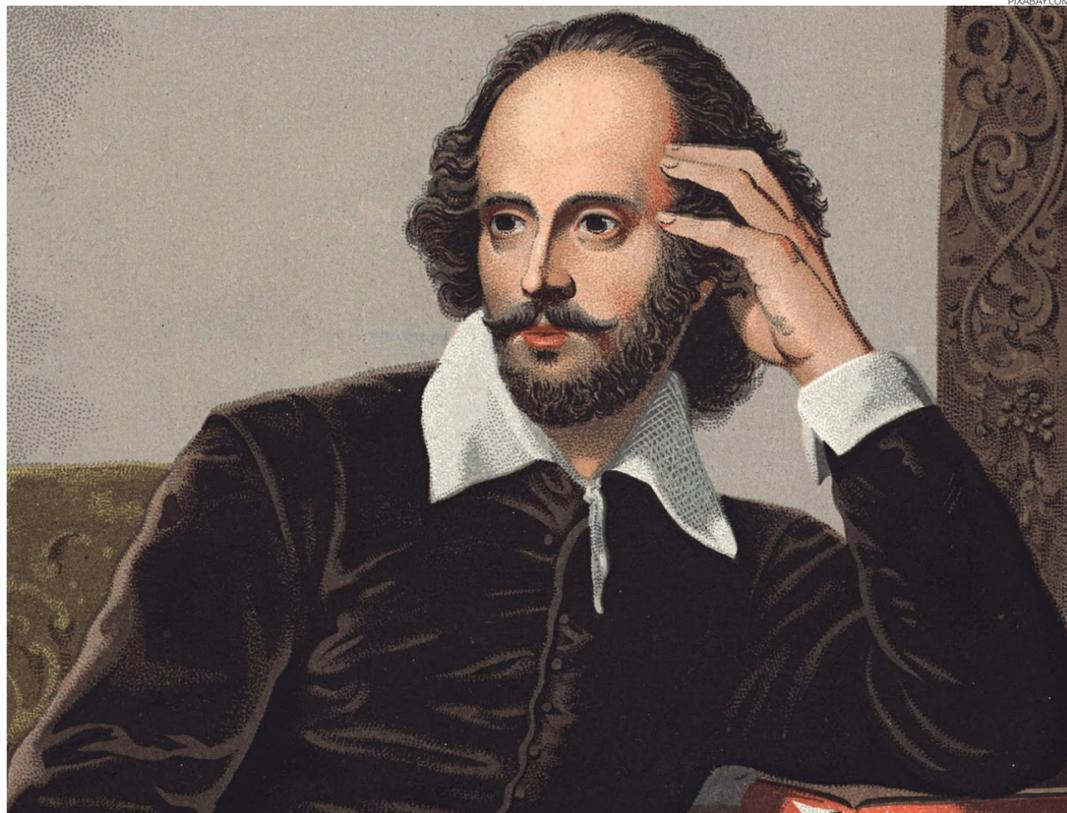
Nem tudo em Shakespeare é popular, embora ele tenha sido, em sua época, um grande autor das massas, capaz de lotar os teatros, que não eram nem de perto as salas confortáveis e limpas que são hoje. Pelo contrário. Um teatro, na época de Shakespeare, era lugar de pouco ou nenhum prestígio. É certo que os reis gostavam das peças do Bardo, mas a assistência em seus palácios: a companhia ia até à corte. Embora o filme Shakespeare apaixonado mostre a Rainha Elizabeth assistindo àquela que seria a primeira apresentação de “Romeu e Julieta”, podemos afirmar que não, a grande Rainha jamais colocou seus nobres pés em um teatro, que, mesmo sendo mitológico e histórico como o “Globe”, era ainda sim sujo. Grande parte da plateia ficava de pé, outros poucos adinheirados que queriam se divertir ficavam nas partes superiores; não se dizia, à época, que assistiriam a um espetáculo: iam ao teatro “ouvir” — sim, ouvir — uma peça.

O grande público, versado

ou não em literatura, interessado ou não no pensamento e na cultura do Ocidente, conhece, impreterivelmente, “Romeu e Julieta”, mesmo que não saiba contar em detalhes ou resumidamente o enredo da peça: todos sabem que é a história trágica de dois jovens de famílias inimigas que acabam mortos. Os que possuem algum ou pouco verniz cultural ou educacional, talvez aqueles tenham alguma pátina de educação formal, mesmo sem ter chegado à universidade, provavelmente terão ouvido também falar de Hamlet mas, mesmo se nunca tiver escutado esse nome, com certeza terá ouvido o famigerado “Ser ou não ser, eis a questão”, a mais subestimada e ao mesmo tempo supervalorizada pergunta já feita no mundo da literatura. Os mais letrados saberão de Macbeth, Otelo, Rei Lear, saberão das tramas de “Sonho de Uma Noite de Verão”, “A Tempestade” e talvez “Júlio César”, também por outra frase famosa que jamais foi dita senão na peça de Shakespeare: “Até tu, Brutus?”.

Mas o problema é que temos hoje, oficialmente, dentro do cânone shakespeariano, 40 peças, embora a maioria das edições brasileiras apresentem apenas 37, excluindo “Dois Nobres Primos”, disponível em português apenas no mercado editorial de Portugal; “Eduardo III”, que depois de alguns anos de discussão e alguma recusa de Bárbara Heliodora, entrou no cânone e virá, diz a lenda, na próxima edição do “Teatro Completo de William Shakespeare”, a ser publicado ainda em 2016. Esta — “Eduardo III” — teria sido a última tradução de Heliodora, mas não será a primeira versão da peça em português, como a Editora Nova Aguilar tem alardeado em seu site: Elvio Funck já publicou sua versão em uma bem cuidada edição, e não apenas bilíngue, mas também interlinear, apresentada pela Editora Movimento, em parceria com a Editora EDUNISIC (Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul). Por fim, a última peça que poderá ser lida em português pelo público brasileiro é “Sir Thomas More”, cuja tradução foi finalizada por Régis Augustus Bars Closesel, que tem a tradução — esta sim inédita —, como parte de seu doutorado em Shakespeare, feito na UNICAMP.

Deste imenso universo de 40 peças, dois poemas narrativos, os sonetos e alguns poemas esparsos, mas também de significativo valor, vemos como



é pouca a familiaridade, por parte dos leitores não especializados ou profissionais da literatura, com o conjunto da obra de Shakespeare, que é regular em sua irregularidade: há, em todas elas, em maior ou menor grau, a marca do gênio.

O que nos aproxima e ao mesmo tempo nos distancia tanto de Shakespeare? O que nos distancia, primordialmente, é a elaboração de sua linguagem, e prefiro a palavra elaboração aos termos “hermetismo” ou “dificuldade”. Explico: Shakespeare era maneirista, e segundo Gustav R. Hocke, em “Maneirismo na Literatura”, o maior dos maneiristas e seu mais claro exemplo de execução desse estilo, que se situa entre o Renascimento e o Barroco, quase um intervalo confuso entre os dois pontos da corda.

O maneirismo é e só poderia ser o estilo do qual Shakespeare comungaria. Em seu afã de ser, como diria Jorge Luis Borges, “todos e ninguém”, uma escola dura e engessada, temente às regras fixas de composição jamais poderia ter sido a casa ideal para sua gula temática e estilística, quanto à metrificação de seus versos, aos temas e as formas de representação desses temas: a tragédia, a comédia, o drama histórico e aquilo que posteriormente passamos a chamar de romances, não no sentido de gênero narrativo, mas no sentido de história de amor entre dois personagens.

A melhor definição de ma-

neirismo com a qual já tive contato veio de Hocke: “Deparamo-nos incessante e simultaneamente com tórridos desertos e montanhas de gelo, profundezas oceânicas e cumes áridos, fraqueza e amor humano visceral, ânsia de ultrapassar todas as fronteiras e desejo de atingir um porto seguro, sonho com uma fórmula matemático-religiosa e medo perante a ira invisível e perceptível do Deus vivo. Disso decorrem as relações de tensão na literatura maneirista: cuidado artístico da sagacidade logística e impulso demoníaco-vital à expressão; busca intelectual esgotante, demasiado esgotante e delírio nervoso em metafóricas cadeias associativas; cálculo e alucinação, subjetivismo e oportunismo frente às convenções (anticlássicas); beleza delicada e extravagância assustadora; fascinação embriagadora e evocação quase oracional; propensão à estupefação e onirismo histórico; castidade idílica e sexualidade brutal; crendice grotesca e santa devoção”.

É só nessa perspectiva maneirista que poderemos ver as peças de Shakespeare, tão intensas que, para nós, leitores desacostumados a sairmos de nossos lugares e nos deixarmos levar pelos textos que lemos, podem vez ou outra forçar a verossimilhança. Mas isso jamais acontece, e é fácil entender a razão.

O teatro de Shakespeare é o espetáculo da consciência hu-

mana. O que sustenta a trama não são os atos, mas sim as palavras, portanto, se o teatro é a arte da ação, em Shakespeare falar é, mais do que em qualquer outro autor, fazer: a palavra é um ato. Não nos interessa saber o que Hamlet faz se não tivermos dele os momentos de revelação. Macbeth, quando está só em cena, parece se dirigir à plateia em reflexões inescrutáveis. Seus soliloquios são momentos muito superiores àqueles nos quais ele mata ou planeja uma crueldade.

Vemos e lemos as peças de Shakespeare para assistirmos à linguagem brincar conosco, fazer-nos rir com tanta beleza, fazer-nos chorar com tanta consciência, fazer-nos pensar com tanta consistência que saímos do livro, do teatro ou do cinema que tanto tem se apropriado de suas histórias, mais ricos do que entramos. Melhores? Piores? Não sei. Mas com certeza saímos diferentes.

Por isso e muito, muito mais, justifica que visitemos Shakespeare, que prestemos a ele nossa reverência, que não pode ser acrílica ou submissa, mas sim ativa e inteligente como foram seus trabalhos, e que saíamos do lugar comum das peças e textos mais conhecidos. Que cada texto que veremos aqui, a respeito de cada uma das peças, dos sonetos, dos poemas narrativos e dos poemas esparsos sejam, em sua sincera despreensão de exegese, um convite amoroso à leitura da obra de William Shakespeare.

PRONUNCIAMENTO

Senador Wilder ressalta legados de Shakespeare e Cervantes

THIAGO QUEIROZ

O senador Wilder Morais registrou pronunciamento e ele foi dado como lido que homenageia os legados dos escritores William Shakespeare e Miguel de Cervantes Saavedra. A iniciativa do senador se deveu a matéria publicada pela revista *Veja*, que lembrou os 400 anos da morte dos autores. O texto da revista foi publicado em 14 páginas na edição 36.890. Segundo o senador Wilder, "a homenagem [de *Veja*] é um convite para os leitores revisitarem o trabalho deixado por estes autores, ultrapassando suas criações e nos lembrando a contribuição da arte no registro da própria humanidade".

Abaixo, a íntegra do pronunciamento:

Senhor presidente,
Senhoras e Senhores senadores,

Faço este pronunciamento para exaltar o legado de dois saudosos mestres da ficção mundial: o espanhol Miguel de Cervantes Saavedra e o inglês, memoráveis em suas contribuições à história da literatura.

No dia 23 de abril é celebrado o Dia Internacional do Livro e do Direito Autoral. A data foi escolhida pela Unesco para homenagear, em especial, os dois autores citados anteriormente, que faleceram neste dia nos deixando memoráveis obras literárias.

A revista *Veja* lembrou os 400 anos da morte dos ilustres autores em sua edição 36.890. Como apontou a matéria, de 14

páginas, a homenagem é um convite para os leitores revisitarem o trabalho deixado por estes autores, ultrapassando suas criações e nos lembrando a contribuição da arte no registro da história da própria humanidade.

O inglês William Shakespeare, deixou um importante legado ao abordar a psicologia de seus personagens, levando a outro patamar tanto a dramaturgia quanto a literatura. No entanto, curiosamente, pouco se conhece de sua própria personalidade, talvez em virtude da sua nata habilidade de reconhecer no ser humano suas mais variadas facetas.

Já Cervantes, brilhante em sua maior contribuição à humanidade, que foi a criação de *Dom Quixote*, nos revela a capacidade humana de tornar-se herói de sua própria história. O autor transformou sua vida após ter sido ferido em batalha e jamais reconhecido na Espanha, trazendo alegria a todos por meio de sua narrativa.

Parabenizo a revista *Veja* pela excelente matéria, que reúne fatos e curiosidades, reavivando em nossas memórias a importância da literatura.

E aproveito, ainda, para parabenizar os nossos romancistas, cujas criações transcendem o próprio tempo.

Peço, portanto, que a íntegra desta matéria conste nos anais do Senado Federal, de modo a também se constituir mais um registro de nossa história.

É isso o que tinha a dizer, Senhor Presidente.
Muito obrigado!



Wilder: "Homenagem é um convite para os leitores revisitarem o trabalho deixado pelos autores, ultrapassando suas criações e nos lembrando a contribuição da arte para a humanidade"

NORDESTE DE GOIÁS

Marconi discute ações para transformar Alto Paraíso na primeira cidade sustentável do país

O governador Marconi Perillo realizou, na manhã desta terça-feira, 10, reunião de trabalho com representantes de sete secretarias para definir ações que transformem Alto Paraíso, localizada no Nordeste Goiano, na primeira cidade sustentável do Brasil. As ações serão viabilizadas dentro de 17 objetivos já pré-estabelecidos e vão desde o incentivo ao uso e à produção de bens, à energia solar e também a programas na área de educação e saúde local.

O lançamento oficial do programa está previsto para o dia 9 de junho. Marconi frisou considerar importante a definição das metas e primordial o seu cumprimento pelo secretariado. "Alto Paraíso é uma cidade conceituada no mundo todo. Precisamos de ações voltadas para o fomento da economia criativa, de proteção ao meio ambiente e promoção de melhorias sociais. Isso é desenvolvimento

sustentável", disse.

Ele lembrou que a proposta de transformar a cidade, considerada a principal porta de entrada da Chapada dos Veadeiros, numa referência em sustentabilidade teve início há cerca de seis meses, durante encontro com o líder espiritual humanitário Sri Prem Baba. Os 17 objetivos já pré-definidos são globais. Entre eles estão: Produção e Consumo Sustentável, Proteção do Clima, Saneamento, Paz e Justiça.

Já entre as ações que vão integrar cada um dos objetivos estão a construção de um centro cultural e um centro de pesquisa agrícola; expansão da rede de saneamento e água encanada; duplicação, com ciclovia, da rodovia que liga a cidade a Formoso; crédito para o fomento de projetos de economia solidária. Todas as ações que vão integrar o projeto serão apresentadas durante o lançamento oficial do programa.





Wilder observa o senador Vicentinho Alves ler no plenário resumo do parecer da comissão especial, que recomenda a abertura do processo contra Dilma

IMPEACHMENT

Senador Wilder diz que Dilma destruiu legados de FHC e Lula

WELLITON CARLOS

Suplente na Comissão do Impeachment, o senador Wilder Moraes afirma que são reduzidas as chances da presidenta Dilma Rousseff no Senado após a votação na casa, ocorrida na última sexta-feira, 6, caso seja admitida a denúncia de crime de responsabilidade. Wilder é integrante da comissão que avaliou o recebimento da ação de impedimento de Dilma.

O senador de Goiás informa que começou a contar o prazo de 48 horas (sem contar o final de semana) para que o parecer seja votado novamente por todos os senadores. O assunto será levado em plenário do Senado nesta semana. Wilder explica que o plenário, decidirá por maioria simples - 41 votos, dos 81 senadores presentes.

Ele afirma que pretende apoiar Michel Temer da mesma forma que esteve ao lado de Dilma nas questões de interesse público. Wilder analisa que a presidenta Dilma Rousseff possibilitou momentos delicados ao longo de seu segundo mandato - o que destruiu todo o legado de Lula e FHC.

Para ele, a fragilidade da economia pesou negativamente contra a equipe do governo. "Se existe algo difícil de maquiagem, com certeza, é a economia. Se você mente para a população, ela sente nas ruas que os preços estão mudando. Inflação não é peça de ficção", diz Wilder.

O senador informa que nesta semana o Brasil pode começar a tomar novos rumos. "Com certeza, agora teremos uma gestão focada em administrar

o País. A gestão de Dilma congelou com a ameaça do impedimento. Espero que Temer tenha ao seu lado um ministério técnico e que possibilite as reformas necessárias para o Brasil voltar a crescer. Gosto da menção que o Henrique Meirelles fez sobre o governo almejar metas realistas", diz o senador.

Wilder explica que daqui para frente a gestão terá uma série de missões. "A mais importante delas, acredito, será reorganizar a economia e gerar empregos. O país tem uma reta descendente de geração de postos de trabalho".

É preciso - diz o senador goiano - focar em um modelo de gestão mais empresarial, inspirada em resultados. "A administração pública tem um rigor nos meios, na forma com que as coisas acontecem. Ve-

ngo chamando atenção para o fato de que as formas, os meios devem ser respeitadas, conforme o princípio da legalidade e moralidade, mas o resultado é determinante. O que falo é mais do que um procedimento. É uma nova forma de ver a administração pública. E falta isso no Brasil, que se acostumou com a cultura da burocracia".

Wilder diz que passou a fase do bate-boca no Senado. Ele afirma que a regra agora será tirar o Brasil do "coma econômico". Engenheiro, Wilder Moraes usa a metáfora do seu campo de trabalho para pensar o Brasil: "Temos a base e alicerces sólidos. Mas aconteceu uma forte ruptura nas estruturas. Talvez tenhamos que iniciar muitas coisas. Uma delas é definir o gabarito. Afinal, onde vamos construir nossa casa

agora? Que país queremos daqui para frente", diz Wilder.

Para o parlamentar, cabe ao PT e partidos de sua base exercerem de agora e diante oposição responsável. O senador goiano afirma que o PSDB, principal derrotado nas urnas na última década, não contribuiu para o "quanto pior, melhor". De acordo com Wilder, o PT tem que reconhecer que sua oposição jamais tentou impedir a aprovação de propostas de interesse da população. "Até o mensalão, Lula não teve oposição. Governou sem complicações".

Wilder diz que agora é diferente: o PT não perdoará o afastamento excepcional. "Mas terá que reconhecer seus erros e aceitar que existe um conjunto de brasileiros, sim, interessados em reconstruir o país".

LIVROS PARA ESTUDANTES



A estudante Daiany Teixeira esteve no escritório político do senador Wilder para buscar seu kit de livros. Ela é estudante de Direito na Univero e está no 8º período. Ela soube pelo Facebook que o senador Wilder doa livros a estudantes.

SENADOR WILDER NA MÍDIA

Diário da Manhã GOIÂNIA, TERÇA-FEIRA, 10 DE MAIO DE 2016 11

SENADO

Projeto de Wilder propõe equipes de transição nos Executivos

DA REDAÇÃO

Prática comum no Brasil, especialmente nos municípios, ocorre quando o gestor que vai deixar o poder não passa nenhum tipo de informação para quem vai assumir a situação da prefeitura. Atrasos em dívidas, contratos, salário de servidores, previdência e outras situações podem se transformar em um grande problema para quem assume o mandato.

Para resolver esse problema e evitar que futuros gestores encontrem cenários de "terra arrasada" nas prefeituras, o projeto, como se percebe, é fundamental para que o gestor eleito assumira conhecendo a realidade administrativa, fiscal e estrutural da gestão, de maneira que possa, já no primeiro dia de mandato, adotar medidas concretas para pôr em prática o programa de governo democraticamente escolhido pela maioria dos eleitores. Realiza-se, assim, o respeito aos princípios constitucionais que regem a administração pública, notadamente os mandamentos de impessoalidade, moralidade e eficiência", defende o senador Wilder.

Ainda de acordo com o projeto...